

Há diversos testemunhos vividos da experiência de combatentes na Primeira Guerra Mundial. De um distinto ângulo de visão, o da Medicina, Egas Moniz publica *A Neurologia na Guerra* em 1917. Nesse livro o autor procura fazer uma revisão das diversas perturbações Neuropsiquiátricas que podem ocorrer na frente de batalha, servindo-se de diversos trabalhos entretanto publicados na Europa em Guerra e também da sua própria observação em serviços médicos que frequentou em França. Discute também o estatuto e significado da Histeria relacionando-o com as perturbações vividas no teatro de guerra. Faz especialmente referência aos trabalhos e às concepções de Babinski em França, e ao seu papel no desmantelamento das concepções de Charcot, explicando em pormenor a noção de Pitiatismo e a noção de Sugestão. Depois de um capítulo sobre “os simuladores” e “os exageradores”, aborda os direitos dos feridos de guerra e os resultados dos tratamentos físicos e psicológicos, desenvolvendo depois o tema do tratamento denominado “Torpedeamento” e as polémicas surgidas em França a respeito da Electroterapia, do seu uso, dos seus resultados e o direito à recusa deste tratamento por parte dos feridos de Guerra.

O presente trabalho tenta, a propósito destes temas, enquadrar a obra e o pensamento de Egas Moniz na evolução das ideias Neuropsiquiátricas do seu tempo, durante a Primeira Guerra Mundial tendo como alvo os assuntos desenvolvidos naquela obra publicada em 1917.